

Resumo

Breves considerações sobre o resgate e o conteúdo da proposta urbanística apresentada pelo crítico de arte Mário Pedrosa (1900-1981) para o *core* da cidade universitária, em São Paulo, da Universidade de São Paulo em 1962, publicada em sua íntegra pela primeira vez.

Palavras-chave: Mário Pedrosa, Oswaldo Arthur Bratke, Universidade de São Paulo, Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira, Ciam, urbanismo.

Na pesquisa que realizamos¹ nos arquivos pessoais do arquiteto Oswaldo Arthur Bratke (1907-1997), encontramos na pasta de correspondências um manuscrito de Mário Pedrosa (1900-1981) datilografado em dez páginas com o título *Parecer sobre o core da Cidade Universitária*, datado de 14 de novembro de 1962, bem como um ofício do então diretor-executivo do Fundo para Construção da Cidade Universitária (Fundusp), Paulo de Camargo e Almeida (1906-1973), convocando o arquiteto para uma reunião, na data em apreço. Tratava-se do original de um documento quase inédito do grande crítico de arte, norteando a concepção do *core* do campus da USP de São Paulo, no Butantã.

A consolidação da Cidade Universitária da Universidade de São Paulo (USP) é um longo enredo de iniciativas frustradas. Nenhum projeto concebido pelas várias administrações que se responsabilizaram pelo planejamento do campus e de seus edifícios logrou ser implementado por completo, perdendo-se ao longo do tempo e das gestões a integridade própria de soluções coerentemente planejadas. Muitas propostas – algumas de inegável valor

Hugo Segawa

Arquiteto, professor livre docente do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da EESC-USP, Av. Trabalhador Sancarlense, 400, Centro, CEP 13566-590, São Carlos, SP, (16) 3373-9311, segawahg@usp.br

Guilherme Mazza Dourado

Arquiteto, doutorando do Programa de Pós-graduação do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da EESC-USP, Av. Trabalhador Sancarlense, 400, Centro, CEP 13566-390, São Carlos, SP, mazzadourado@uol.com.br

arquitetônico e urbanístico – sequer saíram do papel.

Os anos 1960 foram decisivos para a configuração do espaço físico da USP. A criação do Fundusp, visando agilizar a administração do empreendimento com o apoio financeiro do governo paulista (o Plano de Ação do Governo Carvalho Pinto, 1959-1962), acelerou o processo de planejamento e construção de suas instalações. Durante a reitoria de Antônio Barros de Ulhôa Cintra (1960-1963), o arquiteto Paulo de Camargo e Almeida, como diretor executivo (1960-1965) do Fundusp, assumiu a coordenação geral dos trabalhos, promovendo a formação de ampla equipe, da qual faziam parte arquitetos e engenheiros do quadro docente da universidade e profissionais externos, para desenvolver e acompanhar a execução de edifícios e equipamentos de diversas naturezas. Dessa gestão são as iniciativas para a construção do prédio da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (de Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi), do conjunto residencial (de Eduardo Kneese de Mello, Sidney de Oliveira e Joel Ramalho Jr.) e do edifício da História e Geografia (de Eduardo Corona).²

1. A pesquisa foi desenvolvida para a elaboração da monografia sobre a obra do arquiteto: *Oswaldo Arthur Bratke arquiteto*. São Paulo: ProEditores, 1997.

2. Informações detalhadas em: SIMÕES, João Roberto Leme. *Arquitetura na Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira*. 1984. Dissertação (mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP. Complementarmente: *O espaço da USP: presente e futuro*. São Paulo: Universidade/Prefeitura, 1985.



Figura 1: Visualização do *core*, nível da praça. Desenho Oswaldo Bratke, 1962.

3. Os Congrès Internationaux d'Architecture Moderne (CIAM) constituíram um dos principais fóruns de discussão e elaboração das bases ideológicas do movimento moderno na arquitetura e no urbanismo. Fundado em 1928, seu último encontro, em 1956, o CIAM 10, marcou a ruptura de uma geração mais nova diante dos postulados das vanguardas pioneiras da primeira metade do século.

4. O manifesto está reproduzido em: OCKMAN, Joan. *Architecture culture 1943-1968: a documentary anthology*. New York: Columbia Books of Architecture/Rizzoli, 1993. p. 27-30.

5. SOLÀ-MORALES, Ignasi. *Arquitectura y existencialismo*. In: *Diferencias. Topografía de la arquitectura contemporánea*. Barcelona: Gustavo Gili, 1995.

6. Sobre tudo nos artigos da coletânea *Dos murais de Portinari aos espaços de Brasília*. São Paulo: Perspectiva, 1981, organizada por Aracy A. Amaral.

7. Textos em *Política das artes*. São Paulo: Edusp, 1995, organizados por Otília Arantes.

8. Brasília, hora de planejar. *Dos murais de Portinari aos espaços de Brasília*. p. 396.

9. Oswaldo Bratke pouco nos esclareceu a respeito da não viabilização do *core* premeditado por Pedrosa.

Oswaldo Bratke desenvolveu nesse período os projetos das unidades das Minas e Metalurgia da Escola Politécnica e, em fins de 1962, foi convidado a elaborar mais uma proposta para o *core* do campus universitário.

Core como centralidade simbólica

O conceito do *core* foi introduzido no debate do desenho das cidades com o CIAM 8,³ de 1951, e constituiu um dos grandes temas do urbanismo da década de 1950. Derivado da revisão formulada no manifesto *Nine points on monumentality* de 1943, assinado por Josep Lluís Sert, Fernand Léger e Sigfried Giedion, incidindo sobre as quatro funções básicas urbanas recebidas pela Carta de Atenas (habitação, trabalho, recreação e circulação), o manifesto escrito em plena 2ª Guerra – vislumbrando um novo quadro de intervenções urbanas com o término do conflito mundial – defendia uma estética urbana e regional com base no novo monumento enquanto “expressão das mais altas aspirações culturais do homem”, para “satisfazer a eterna demanda do povo para traduzir seu esforço coletivo em símbolos”.⁴

O CIAM 8 em Hoddesdon, Inglaterra, contemplou o tema *The heart of the city*, cujo documento final estabelecia uma quinta “função urbana” para o *core*: ser o centro de expressão coletiva da cultura urbana de uma cidade. Como bem resume Ignasi de Solà-Morales:

“A discussão mais renovadora destes anos sobre o core das cidades como uma nova zona a considerar na organização das distintas funções urbanas significou estabelecer não só a necessidade de um centro pluriforme e de máximo alcance social para a cidade como, sobretudo, a caracterização dessa centralidade como coração, isto é, como o lugar físico no qual encontram assento os sentimentos humanos mais elevados e mais necessários para a plenitude de uma arquitetura em busca de um novo humanismo”.⁵

A noção de *core* foi introduzida no repertório do planejamento da Cidade Universitária na proposta de 1956, elaborada pelo arquiteto Hélio de Queiroz Duarte (1906-1989), e foi mantida enquanto conceito nos planos desenvolvidos no início dos anos 1960 – mote a partir do qual Mário Pedrosa desenvolveu sua conceitualização.

Não há, entre os escritos conhecidos de Mário Pedrosa, manifestação tão concisa e objetiva com uma proposição de um setor urbano como nesse *Parecer sobre o core*... Nos vários textos reunidos nas coletâneas do crítico, sua posição é a de um apreciador da obra arquitetônica ou urbanística⁶ ou a de um conceituador do espaço museológico na escala do edifício.⁷ Pedrosa aqui assimila pela primeira vez as conotações básicas do *core* segundo o manifesto do CIAM 8. Até então, a única citação expressa do termo comparece num artigo de 1960 sobre Brasília, aplicando a palavra ao que denomina praça da Esplanada, mas sem a carga semântica instituída pelo CIAM.⁸

Naquele momento, Oswaldo Bratke era um dos mais importantes arquitetos em São Paulo e um dos poucos profissionais engajados nas obras da Cidade Universitária sem vínculo acadêmico com a USP – nem como docente, nem como ex-aluno. Sua participação na equipe derivava exclusivamente de seu prestígio de arquiteto moderno. Bratke chegou a desenvolver estudos preliminares do *core* nos termos do plano de Mário Pedrosa, mas não passou dos esboços iniciais. Embora conceitualmente articulado, a proposição do crítico de arte apresentava acentuado esquematismo ao ressaltar uma homogeneidade funcional, social e cultural entre os usuários do *core* universitário.

Desligando-se do Museu de Artes Moderna (MAM), SP, e não indicado para a direção do Museu de Arte Contemporânea (MAC), USP, no início de 1963, o crítico voltava para o Rio de Janeiro. Mudanças administrativas e descontinuidade na gestão do espaço do campus da USP fizeram a área reservada para o *core* – a chamada praça do Relógio – permanecer por um longo tempo como um inóspito vazio.⁹

A professora Aracy Amaral, pioneira na preocupação de resgatar a obra dispersa de Pedrosa, bem recorda a dificuldade de reunir os textos mesmo quando ele ainda era vivo. Assistemático em guardar sua própria produção, as coletâneas organizadas por Aracy Amaral recuperaram os artigos publicados, alguns textos fundamentais lembrados pelo próprio Pedrosa. Otília Arantes vem resgatando alguns manuscritos inéditos na edição em quatro volumes dos escritos do crítico. O *Parecer* de Mário Pedrosa é uma peça virtualmente desconhecida

em seu acervo de escritos e não restituída nas antologias sobre o crítico. Na versão desse texto publicada na revista *GAM* de fevereiro de 1967 com o título “A função do museu no *core* universitário”, não há menção alguma de que se trata de uma proposta para a Cidade Universitária da USP, tampouco que o texto foi elaborado pouco mais de quatro anos antes. Na realidade foram omitidos dois parágrafos, precisamente os que se referem à coleção de Cicillo Matarazzo e que dariam a

pista para caracterizar a origem do escrito. Ademais, algumas outras linhas ficaram truncadas. Assim, somente agora, à luz dos documentos do arquivo de Oswaldo Bratke e do conhecimento da versão integral do texto, surge a possibilidade de rever o semi-escuro texto de Pedrosa, reabilitando um contexto e a faceta “urbanista”, pouco examinada, do intelectual do Rio de Janeiro. Decerto, os inéditos continuarão como vasto campo de investigação para os hermenêutas de Mário Pedrosa.

Figura 2: Visualizações do *core*, nível da praça. Desenho Oswaldo Bratke, 1962.

